

APANHADO DE PEÇAS CRIADAS PARA O CEMAIS

[CENTRO MINEIRO DE ALIANÇAS INTERSETORIAIS]

JULHO DE 2017 À DEZEMBRO DE 2022

OS TRABALHOS NÃO ESTÃO EM ORDEM CRONOLÓGICA.

O PROPÓSITO É PASSAR UMA BREVE E GERAL IDEIA DOS TRABALHOS FEITOS NO PERÍODO.

IDENTIDADES VISUAIS, LOGOTIPOS, ILUSTRAÇÕES, ANIMAÇÕES,
MOTION DESIGNS, DESIGN EDITORIAL.

EDUARDO ANTÔNIO SÁ
edusa@edusastudio.com

PROGRAMA

CAMINHOS



PROGRAMA
CIDADANIA
EM REDE







Rede *3i*

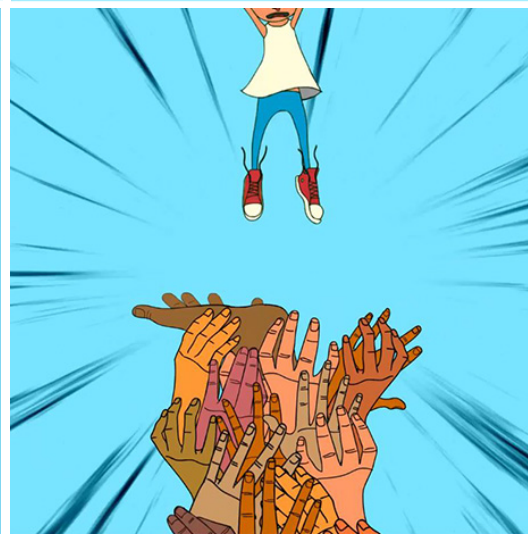




JORNADA DO
CONHECIMENTO
COMPARTILHADO

A COVID-19
PODE MUDAR
RAPIDAMENTE
O CONTEXTO
EM QUE AS
CRIANÇAS

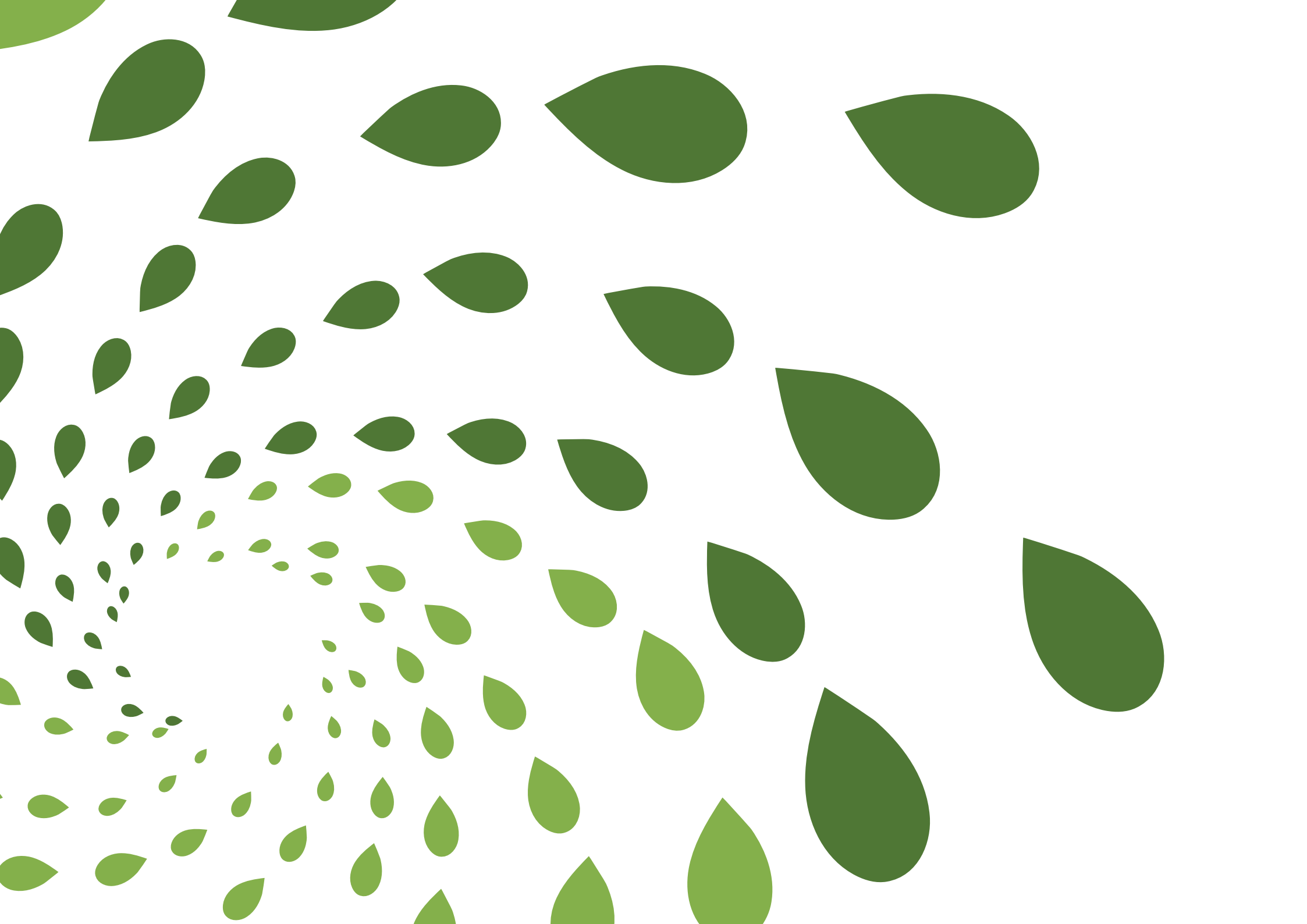
A COVID-19
PODE MUDAR
RAPIDAMENTE
O CONTEXTO
EM QUE AS
CRIANÇAS
VIVEM



100

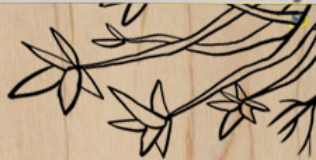
 **CeMAIS** | Rede
Centro Mineiro de Alianças Intersetoriais criança e
adolescente 

CEMAIS.ORG.BR

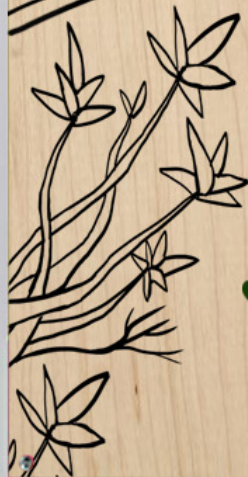








TRANSFORMANDO
**IDEIAS EM
PROJETOS**



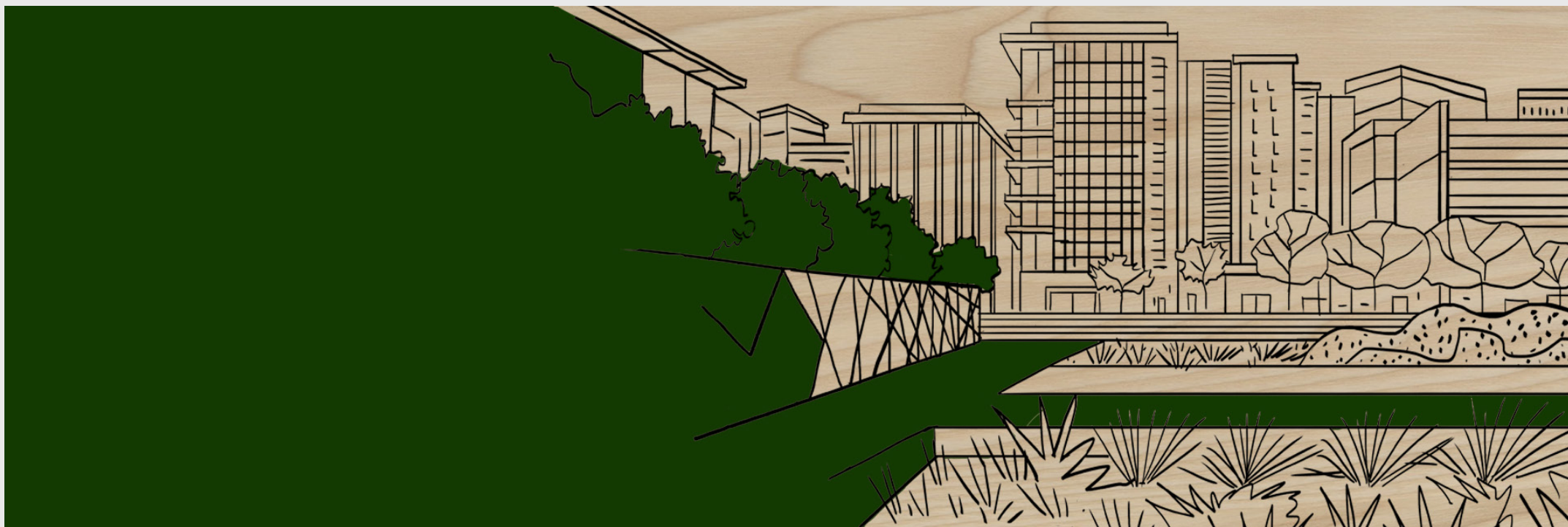
**SE
MEN
TE**

PARTICIPE DA OFICINA GRATUITA

*de elaboração e formatação de
projetos socioambientais realizada pelo
Semente. Venha conferir!*

22/04

**Centro de convenções
19hs**







Confira os Resultados da Plataforma Semente

R\$ 11M *em projetos monitorados*

29 *municípios beneficiados com projetos*

33 *projetos executados e em execução*

79 *projetos inseridos no banco*

descomplica:-
MIROSC

descomplica:-
GESTÃO



Laís Figueiredo

#1

MODERNIZAÇÃO DA GESTÃO:
Como o MROSC contribui para a implementação
de instrumentos de gestão e transparência

descomplica-
MROSC



Tomás de Aquino

#2

ENTENDENDO O MROSC
Nomes, termos e outras dúvidas

descomplica-
GESTÃO



Marcela Giovanna

#3

IMPACTO DO MROSC NO TERCEIRO SETOR:
O fortalecimento das relações intersetoriais

descomplica-
MROSC



**Aline Seoane
Natália Moreira
Anna Beatriz Otoni**

#4

COMO PREPARAR SUA
OSC PARA A PARCERIA

descomplica-
GESTÃO



Thiago Alvim

#5

RELAÇÕES DE COOPERAÇÃO
E CONFIANÇA ESTABELECIDAS
PELO MROSC

descomplica-
MROSC



Mariana Pimenta

#6

GESTÃO DAS ORGANIZAÇÕES
NAS REDES SOCIAIS

descomplica-
GESTÃO



Marcella Aguiar

#7

IMPLEMENTAÇÃO DO MROSC
NO MUNICÍPIO

descomplica-
MROSC



Fabiano Peres

#8

A EXECUÇÃO DO OBJETO E O USO
ADEQUADO DO RECURSO PÚBLICO

descomplica-
GESTÃO



Igor Ferrer

#9

MROSC COMO INSTRUMENTO DE
DEMOCRATIZAÇÃO DAS PARCERIAS
Porque algumas OSCs têm
dificuldades para a parceria?

descomplica-
MROSC



Nil César

#10

CONFÓCO
Principais dúvidas sobre o
funcionamento do Conselho

descomplica-
MROSC



• A EXECUÇÃO DO OBJETO E O USO ADEQUADO DO RECURSO PÚBLICO - Descomplica Gestão ...

No Descomplica Gestão de hoje, temos um convidado muito especial, o Analista de Políticas Públicas da Prefeitura de Belo Horizonte, Fabiano Peres, que se junta ao CeMAIS para discutir um assunto muito importante: como executar propostas da melho...



7 de abr. · 49min 3s



• IMPLEMENTAÇÃO DO MROSC NO MUNICÍPIO - Descomplica MROSC

O MROSC tem abrangência nacional, mas claro que as organizações de cada município têm suas especificidades. Por isso, convidamos a gerente de parceiras da PGM/BH, Marcella Aguiar, para falar da implementação em Belo Horizonte. O episódio est...



5 de abr. · 1h



RELAÇÕES DE COOPERAÇÃO E CONFIANÇA ESTABELECIDAS PELO MROSC - Descomplica MROSC

Você tem dúvidas sobre como funciona a aplicação da lei do MROSC na sua organização ou quer melhorar a gestão institucional da OSC? Então confira o Podcast Descomplica MROSC! Hoje temos mais um episódio incrível no ar! Thiago Alvim, Cofundador da...



31 de mar. · 53min 24s



GESTÃO DAS ORGANIZAÇÕES NAS REDES SOCIAIS - Descomplica Gestão

Atualmente, é inegável a importância das redes sociais no dia a dia das organizações. Mas, como gerir essas redes da melhor forma? Aprenda a fazer uma matriz de partes interessadas, a planejar a comunicação da sua instituição e muitas outras dicas práticas para...



29 de mar. · 36min 2s



MROSC COMO INSTRUMENTO DE DEMOCRATIZAÇÃO DAS PARCERIAS: Por que algumas OSCs têm dificuldades para a parcerização? - Descomplica MROSC

A sua OSC tem dificuldades em firmar parcerias? Então esse episódio é para você! Um bate-papo exclusivo com Igor Ferrer, Assessor para Incidência Política da Cáritas, Coordenador Geral da Ação Fortalecimento e Regionalização da Plataforma MROSC ...



24 de mar. · 51min 22s



Como preparar sua OSC para a parceria - Descomplica Gestão

Tem episódio novo do Descomplica Gestão na área! No quarto episódio da série, conversamos com três advogadas convidadas sobre como preparar a Organização Social para parcerias. Aline Seoane - Advogada, diretora executiva do CeMAIS e...



22 de mar. · 43min 16s



IMPACTO DO MROSC NO TERCEIRO SETOR: O fortalecimento das relações intersetoriais - Descomplica MROSC

Você já parou para pensar em qual é o impacto do MROSC no Terceiro Setor? No terceiro episódio do Podcast Descomplica MROSC, conversamos com a presidente do CeMAIS, Marcela Giovanna, para entendermos esse impacto nas relações...



17 de mar. · 58min 5s



ENTENDENDO O MROSC: Nomes, termos e outras dúvidas - Descomplica Gestão

Este é o primeiro episódio do Descomplica Gestão - uma série de 4 programas focada na gestão profissional de organizações sociais. Os episódios trazem temas do dia a dia da gestão, como documentação institucional e gestão jurídica, além de dicas...



15 de mar. · 41min 30s

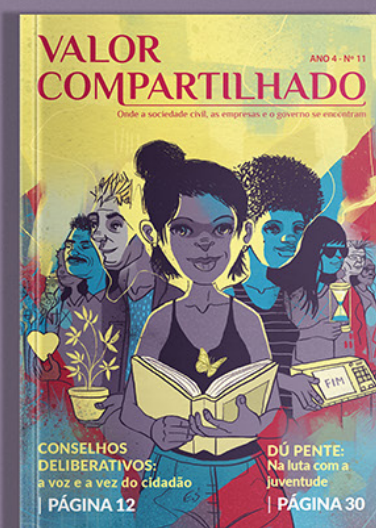


MODERNIZAÇÃO DA GESTÃO: Como o MROSC contribui para a implementação de instrumentos de gestão e transparência - Descomplica MROSC

Você tem dúvidas sobre como funciona a aplicação da lei do MROSC na sua cidade ou para a sua organização social? Quer melhorar a gestão institucional da OSC? Então fique de olho nessa novidade do CeMAIS! No lançamento do Podcast Descomplica...



10 de mar. · 1h 2min



Bazares solidários e sustentáveis

Consumo consciente, bazares, mundo digital e coronavírus. O que esses assuntos têm em comum? Como uma mudança de comportamento pode fazer a diferença em uma pandemia?

Danúbia França

O conceito de sustentabilidade é amplo e variado. Ele envolve os aspectos social, econômico, cultural, espacial, político, ambiental, além da sustentabilidade ecológica, a qual está relacionada com o uso dos recursos naturais. Independentemente de qual modelo estamos falando, a ideia do desenvolvimento sustentável é

que ele possa satisfazer as necessidades das gerações atuais, sem colocar em perigo as gerações futuras.

Tem sido assim, baseado no conceito de sustentabilidade e na mudança dos padrões de consumo e comportamento da população, que muitas Organi-

zações da Sociedade Civil (OSCs) têm encontrado a saída para driblar as dificuldades causadas pelo novo coronavírus, promovendo bazares solidários e vendas on-line. Os SRS do consumo consciente (refletir, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar) nunca estiveram tão atuais como agora.

Não existe receita, o jeito é buscar oportunidades para continuar com as ações, já que, desde o início do mês de março, todos tiveram que mudar suas rotinas e hábitos para conter a pandemia de Covid-19. As medidas adotadas restringiram nossos direitos de ir e vir e, com menos pessoas circulando nas ruas, devido à quarentena, o dinheiro em circulação diminuiu. É aí que a internet surge como nova aliada para todos os tipos de negócios.

Desafios

A estratégia adotada pelo Instituto Esperança, localizado em Santa Luzia, Minas Gerais, para tentar alcançar verbas neste momento de crise foi realizar bazar on-line. O Instituto é uma casa de acolhimento para mulheres idosas em vulnerabilidade social, com a missão de proteção, o amparo e empoderamento às idosas, além de conscientizar as pessoas quanto às demandas e fragilidades desse público e seus desafios futuros. Antes da pandemia, a instituição já realizava esse tipo de ação três vezes ao ano, porém, agora, os produtos arrecadados por meio de doações tiveram que ser vendidos de uma forma um pouco diferente.

"É através da arrecadação do bazar que suprimos as necessidades da entidade devido à falta de doações por conta da pandemia", conta Aline de Souza, coordenadora do Instituto. Na visão dela, migrar para o meio digital para desenvolver as ações não

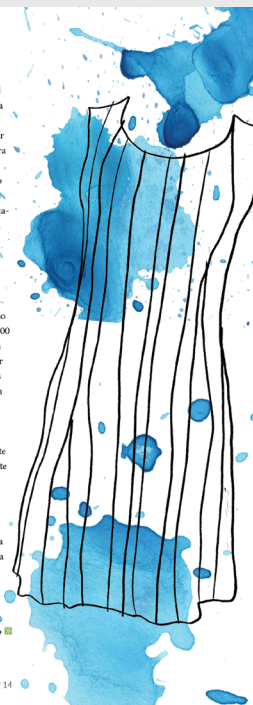


foi um processo tão simples. "No início houve um preconceito, mas depois vimos que é super possível se utilizarmos as ferramentas certas, que é o que a gente já tem e de forma gratuita", avalia Aline e sua equipe acreditavam que as pessoas não iriam aceitar fazer o bazar on-line porque o público presencial era mais simples, pessoas que talvez não conseguiriam adaptar a essa ferramenta. Como a organização não possuía um banco de dados com os contatos dessas pessoas, logo, pensou-se que elas não seriam alcançadas, porém, não foi isso que aconteceu.

"Quando começamos a utilizar das ferramentas que a gente tem e de maior alcance das pessoas, o Instagram, o Facebook e o WhatsApp, colocamos na rede e deu certo. Nós pensamos que precisaríamos de um aplicativo, uma ferramenta que nós não temos, mas não foi assim. Fizemos um grupo de 200 pessoas em dois dias, um foi compartilhando com o outro e conseguimos vender R\$3 mil nesse bazar on-line. Foi uma surpresa muito grande porque às vezes a gente consegue chegar próximo disso com muito suor, trabalho e dias no presencial", expõe.

Foi com esse formato que o Instituto Esperança conseguiu o recurso financeiro, em aproximadamente cinco horas, com mais tranquilidade e leveza. "A gente poderia ter feito mais se tivéssemos experimentado isso antes, mas foi muito bom", comemora.

Shirley Vieira, presidente do Instituto Casa do Caminho, em Belo Horizonte, também compartilha da opinião de Aline. Elas acreditam que a pandemia provocou uma mudança nos padrões de consumo e que as pessoas estão mais preocupadas com as questões relacionadas à sustentabilidade. "Com a pandemia, a Instituição tem vivenciado o aumento do consumo consciente, a sociedade vem mudando



sua mentalidade e adaptando de acordo com sua realidade. Isso tem gerado uma reflexão na forma em que as pessoas consomem, despertando um senso de solidariedade vindo através da crise", explica Shirley.

A Casa do Caminho faz o acolhimento humanizado a pessoas com câncer e a realização de bazares já era uma prática antes da pandemia. A instituição sobrevive dos bazares beneficentes e toda a renda arrecadada é revertida na manutenção da Casa. Para isso, a organização possui três bazares fixos que se configuram como o negócio social e a principal fonte de renda atual, por meio da comercialização de itens doados a preços abaixo do mercado formal, como roupas, calçados, livros, móveis, eletrodomésticos, entre outros.

"Os bazares beneficentes são o grande braço do caminho do bem, pois trabalham a solidariedade do doador, a sustentabilidade do impacto e promovem geração de trabalho, renda e inclusão social. Quando você doa ou compra em nossos bazares automaticamente está apoiando a Casa do Caminho a acolher cada vez mais pessoas que precisam de amor e cuidado", frisa a dirigente. Ela ainda lembra que os três bazares correspondem a 90% da renda da instituição. Os 10% restantes são obtidos pelas doações esporádicas da sociedade civil por meio de telemarketing.



VAMOS CONVERSAR SOBRE ECONOMIA CIRCULAR?

UM BATE-PAPO SOBRE CAPITALISMO CONSCIENTE COM FRANCINE POVOA

Luana Oliveira



"É a nossa oportunidade de olhar para além do que está óbvio e aproveitarmos para repensar as nossas vidas como cidadãos, consumidores, gestores e líderes de organizações". A entrevista com Francine Póvoa é um convite para ampliar as percepções e refletir sobre o papel de cada um dentro da economia, indo muito além das métricas de crescimento, PIB e lucro.

Fundadora e diretora da *LegacyBusiness*, Francine é embaixadora do Capitalismo Consciente no Brasil. Executiva por 12 anos em grandes corporações, seu propósito agora é assessorar empresas na mudança

de paradigmas, em que o bem-estar da sociedade e do meio ambiente também são metas para marcar o sucesso de um negócio.

Ao explicar as mudanças no mercado e os avanços na direção de uma economia circular, Francine propõe um exercício de olhar com consciência para o impacto das nossas atitudes. Afinal, "sabendo que o que a gente faz interfere no outro, e que o que o outro faz interfere na gente, vamos todos fazer o melhor possível ao nosso alcance".

1. PARA ENTRARMOS NO ASSUNTO, EXPLIQUE O QUE É ECONOMIA CIRCULAR E COMO ELA FUNCIONA?

A economia circular é um conceito que já existe há algum tempo, mas ganhou ainda mais destaque agora, em função da pandemia. A sustentabilidade, as novas relações de consumo e as mudanças no comportamento social são outros temas que também ganharam mais importância.

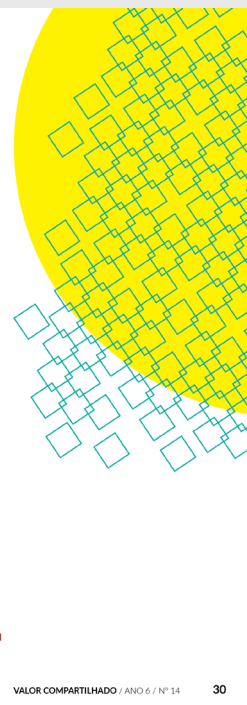
A economia circular está relacionada com a maneira como as empresas geram suas relações com toda a cadeia produtiva interligada ao seu negócio. Na economia circular, a empresa atua de forma a impactar o menos possível o meio ambiente e gerar o máximo de valor para as partes, desde a gestão do negócio até a entrega do produto ou serviço.

Trabalhando diretamente nas empresas, o que percebemos são as semelhanças entre economia circular e capitalismo consciente.

O Capitalismo Consciente é uma abordagem de negócios que propõe gerar valor para todos os stakeholders, ou seja, para todas as partes interessadas. O objetivo é alcançar resultados financeiros e lucro com impacto positivo para a sociedade.

2. NA SUA VISÃO, QUAL É A CONTRIBUIÇÃO DOS TRÊS SETORES (ESTADO, EMPRESAS E TERCEIRO SETOR) PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ECONOMIA SUSTENTÁVEL E CIRCULAR?

Eu gosto muito desse conceito da interdependência entre os setores, que é justamente uma visão de



todos trabalharem juntos em prol da humanidade. Observe, por exemplo, o capitalismo de stakeholders. Neste modelo, o acionista não será priorizado, ele não é o único que tem que se beneficiar dentro do negócio. Essa é uma teoria que surgiu em 1984 e ficou em segundo plano.

De lá para cá o que prevaleceu foi uma ideia equivocada de modelo econômico, que talvez fizesse sentido naquela época, mas que agora não faz mais. O modelo do economista Milton Friedman dizia que responsabilidade social das empresas era gerar lucro para os acionistas seguindo as regras e leis.

Ai veio o risco climático, a desigualdade social totalmente fora de controle, a concentração de renda e todos esses problemas que a gente vem observando.

Tornou-se urgente pensarmos numa outra forma de conduzir negócios. No caso dos governos, de mudar a forma na condução dos países. E o Terceiro Setor vem com as instituições que conhecem os problemas e estão na linha de frente com as comunidades. Todas as partes tendo como foco o bem-estar da sociedade, não mais desenvolvimento econômico. Acredito que estamos caminhando nesta direção.

3. A EMPRESA SE TORNA MAIS ENGAJADA QUANDO COMPREENDE O PAPEL DO TERCEIRO SETOR? ISSO TORNA O SEU PROPÓSITO MAIS EVIDENTE?

As empresas estão percebendo que não adianta nada fazer ações voltadas para a sustentabilidade, para a diversidade, para transparência e ética nos negócios, se isso não for genuíno, se não estiver alinhado com o propósito, com os valores e práticas. Caso contrário, fica uma coisa desconectada.



empresas tentarem amenizar externalidades. Por exemplo, meu produto e processo de fabricação vão poluir determinada região. Então, para amenizar essa externalidade, vou cuidar de um jardim ou apoiar financeiramente uma instituição.

No Capitalismo Consciente, ou nas chamadas empresas B, surge uma nova mentalidade. O objetivo não é amenizar um problema. Faz parte do DNA da empresa um modelo de negócio que não cause o impacto negativo.

5. O QUE AS INSTITUIÇÕES DO TERCEIRO SETOR DEVEM FAZER PARA ESTAR APTAS A RECEBER OS INVESTIMENTOS DE EMPRESAS QUE ATUAM COM O CAPITALISMO CONSCIENTE?

A instituição do Terceiro Setor deve ter um olhar especial para a gestão, para profissionalizar cada vez mais essa área. Isso porque nas relações com empresas desse novo modelo, elas terão relacionamento direto com a alta gestão.

6. COMO AS INSTITUIÇÕES DO TERCEIRO SETOR PODEM COLABORAR NESSE PROCESSO DE MUDANÇAS PARA DESENVOLVERMOS UM NOVO MODELO DE ECONOMIA?

O Terceiro Setor tem um papel importantíssimo. Ele está muito próximo das comunidades, das demandas da sociedade, do que está acontecendo de fato, do que as pessoas precisam e quais os problemas que devem ser atacados e cuidados. O Terceiro Setor traz para nós do setor privado seu olhar mais treinado e voltado para os aspectos da sociedade. Este olhar social é muito novo para as empresas privadas. Por isso, a parceria entre as instituições e as empresas vem sendo fundamental.



Hoje, temos até alguns casos em que chamamos de "setor dois e meio", empresas que não estão nem no Terceiro, nem no Segundo Setor. Elas estão no meio porque são negócios com fins lucrativos, mas que foram concebidos para resolver uma demanda da sociedade. E nascem por meio de um trabalho colaborativo.

A relação Governo e Terceiro Setor é algo que já vemos há mais tempo. Mas, esta parceria Terceiro Setor e empresas privadas é mais recente e está surgindo projetos muito interessantes neste sentido.

COM A FALA QUEM INVESTE NA POTÊNCIA DA FAVELA

UM BATE-PAPO COM **MARCELE DELDUQUE**, COORDENADORA INSTITUCIONAL DA CUFA, COORDENADORA DA EMPRESA COMUNIDADE DOOR E FUNDADORA DO GRUPO "MARIANAS MULHERES QUE INSPIRAM".

Sofia Fuscaldi



Foto: Ana Carolina Araújo

38 VALOR COMPARTILHADO / ANO 7 / Nº 15

atuação nacional, estadual, municipal e local. Além de entregar produtos, essa movimentação entrega também um pouco de esperança.

4. CONTA PRA GENTE COMO ESTÁ SE DANDO AS AÇÕES HUMANITÁRIAS DA CUFA EM MINAS GERAIS, COMO O "CUFA CONTRA O VÍRUS"? QUAIS SÃO ESSES NÚMEROS?

Em Minas, entregamos mais de 11.450 Vales-Mies de R\$240,00 e mais de 415.590 cestas básicas. Entre outros itens como álcool em gel e produtos de higiene, mais de 130 toneladas de frango e mais de 2 mil botijões de gás.

5. QUAIS OS MAIORES DESAFIOS ENFRENTADOS QUANDO O ASSUNTO É INVESTIR NA POTÊNCIA DA FAVELA? QUAL A RELAÇÃO DISSO COM OS DIREITOS HUMANOS E COM A PANDEMIA?

A favela tem uma língua própria, muita personalidade e um senso de coletivo acima da média. São muitas as pessoas já inseridas nesse contexto há décadas, por isso há uma evolução em certos aspectos, como econômicos, cultural e político. Essa é a grande potência! Imagine se conseguíssemos elevar os níveis de qualidade educacional e profissional em 100%? Uma vez conheci uma comunidade que criou uma cooperativa e 900 cooperados bancaram os estudos de medicina de 2 jovens, com a condição de que eles voltariam para a comunidade. Imagine o que milhões de pessoas organizadas poderiam fazer... O maior desafio é como alinhar essa consciência, atravessando os outros interesses políticos e econômicos, fazendo com que essas milhões de pessoas queiram uma coisa em comum.

VALOR COMPARTILHADO / ANO 7 / Nº 15 41

1. QUAIS SÃO AS MAIORES VIOLAÇÕES E AMEAÇAS AOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL E EM MINAS GERAIS NO CENÁRIO ATUAL?

São muitas, desde o abuso físico, cometido pela polícia, por seguranças e homens comuns a mulheres, menores, negros, gays e outros mais frágeis, passando pelo cercamento da liberdade de imprensa, perseguição política e ataques virtuais com motivo ideológico, até a falta de trabalho, comida e moradia digna.

2. COMO A PANDEMIA AFETOU OS PROJETOS, OFICINAS, EVENTOS E AÇÕES DA CUFA QUE VINHAM ACONTECENDO NAS FAVELAS E COM AS FAVELAS?

Pode-se dizer que a Cufa é uma entidade que, na prática, atua em dois sentidos: redução de dores e promoção das alegrias. Redução de dores com os programas de apoio social, promoção da mulher e outros temas ligados às injustiças e, consequentemente, ao sofrimento. Já a promoção das alegrias são os eventos, o entretenimento, a promoção profissional, criação de oportunidades, programas educacionais, artísticos e outros, ligados a um ganho na qualidade de vida já existente. Em tempos de pandemia, com o isolamento social e a economia em declínio, as alegrias foram quase apagadas e as dores se multiplicaram. Por isso, acho que a Cufa praticamente só atuou em um sentido.

3. QUAL FOI A RESPOSTA DA CUFA AOS DESAFIOS QUE A PANDEMIA TROUXE OU ACENTUOU?

Uma grande campanha humanitária, solidária e colaborativa que não tem como ser medida. Com

40 VALOR COMPARTILHADO / ANO 7 / Nº 15

"A Cufa é uma entidade que, na prática, atua em dois sentidos: redução de dores e promoção das alegrias".

A Central Única das Favelas (Cufa) é uma organização que existe há mais de 20 anos com o objetivo de fortalecer o morador e o território de favela. Ela atua em todos os estados brasileiros e é reconhecida nacional e internacionalmente nos âmbitos político, social, esportivo e cultural. Marcelle entrou para a Cufa em 2013, tornando-se Presidente Estadual da Cufa Minas no ano seguinte. Sob sua gestão, a Cufa de Minas Gerais implantou diversos projetos, como o "Tapa das favelas Minas", o "Slow da Cufa", o "Dia da Favela" e uma parceria com a Sicoobendimonte, implantando a primeira agência bancária em Favela no Alto Vera Cruz.

O bate-papo com Marcelle nos mostra que a potência da favela é enorme em vários âmbitos, tanto cultural como economicamente, e que o investimento na favela e em seus moradores é muito importante para o nosso país.

"A favela tem uma língua própria, muita personalidade e um senso de coletivo acima da média".

No ano passado, Marcelle participou da mesa "Contribuição e experiências do Terceiro Setor para o enfrentamento de uma crise sanitária" do 16º Encontro Nacional do Terceiro Setor (ENATS), evento organizado pelo CeMAIS. Ela falou sobre o papel da Cufa e os projetos que surgiram diante da pandemia, como a ação humanitária "Cufa Contra o Vírus" e o programa "Mães da Favela". Nesta entrevista, ficamos sabendo mais sobre a relação entre a atuação da Cufa e os Direitos Humanos e sobre o andamento dos projetos de enfrentamento à Covid-19 desenvolvidos pela organização.

VALOR COMPARTILHADO / ANO 7 / Nº 15 39

ALVOS DE DESAFIOS, FONTES DE SOLUÇÕES: O ENGAJAMENTO DAS PERIFERIAS NA SUPERAÇÃO DA PANDEMIA

Conheça a rede de solidariedade criada pelo projeto Periferia Viva

Gabriela Meireles Caldas Fernandes

Fronte o isolamento social, que mistura e evita sair casa. Estes foram alguns dos comandos da Organização Mundial de Saúde (OMS) para barrar a transmissão do novo coronavírus. Entretanto, o acesso a tais práticas preventivas mostrou-se bastante desigual entre as pessoas. Afinal, a precariedade e lotação nas moradias, a dificuldade no acesso a equipamentos de saúde, somada à urgência dos chefes de família em manterem ou buscarem trabalho são alguns dos desafios vividos nas periferias que perturbam cada uma das recomendações citadas.



Foto: Daniel Dorleide. Movimento Livre Eu Amo a Minha Quebrada

14



Foto: Daniel Dorleide. Projeto Komper

Buscando estratégias para manter seus moradores vivos e com dignidade durante as atuais circunstâncias, muitas comunidades, aglomerados e favelas avançaram projetos locais. Alguns para arrecadar kits de higiene e cestas básicas para famílias vulnerabilizadas, outros para receber equipamentos de informática e materiais para os alunos que estão acompanhando aulas à distância. São iniciativas sérias, criativas e de relevância extraordinária, moldadas de acordo com as necessidades mais diversas. Pensando em potencializar ideias, mobilizar recursos e criar rede de soluções entre grupos engajados, entra o Periferia Viva: Força-tarefa COVID-19.

O projeto surgiu em março de 2020, época em que o Brasil começava a sentir os impactos da pandemia.

"Naquele momento, nós da equipe e gestores da AIC percebemos que viria um momento muito difícil e que as periferias seriam especialmente impactadas", conta a diretora da Associação Imagem Comunitária (AIC), Rafaela Lima. "Então fizemos uma articulação com dois parceiros muito próximos e muito importantes para a história da AIC, que são a Universidade Federal de Minas Gerais e a Laco – Associação de Apoio Social", completa a diretora. Desde então, novas frentes vêm se aliando ao projeto, como o Fórum das Juventudes da Grande BH.

"O Periferia Viva é um processo essencialmente de comunicação, que busca fazer aproximações e constituir numa plataforma para dar visibilidade e promover o

VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14 15



encontro entre pessoas que podem de fato ajudar", define o professor e líder da Mobiliza UFMG, Márcio Simeone Henriques. Para ele, o projeto se engaja para "criar sistemas de ajuda e dar suporte para iniciativas coletivas e comunitárias que acontecem em Belo Horizonte, na Região Metropolitana e até mesmo algumas iniciativas que vão além desse território".

E como funciona este processo? Primeiro, é necessário alcançar e cadastrar as iniciativas a serem apoiadas. A partir daí, gestores e voluntários podem avaliar as demandas de cada grupo, organizar expedientes e discutir estratégias junto aos representantes de cada projeto. Entretanto, ainda que muito organizado, o Periferia Viva precisa se adaptar constantemente. É o que defende Alga Marina Silva, membro da Secretaria Executiva do Fórum das Juventudes da Grande BH. Ela conta que é essencial "esse cuidado de um pensamento comunitário e não uma distribuição simplesmente massiva, que não se atente às especificidades de cada território e pessoa".

Hoje, o projeto abrange cerca de 80 grupos, coletivos, movimentos e entidades locais, além de já ter recrutado mais de 30 voluntários desde o início de sua trajetória. "Se tem uma mensagem que a gente acredita que este trabalho deixa é a importância da mediação e da ação autônoma de certos grupos, que consigam realmente mobilizar as pessoas em prol desse enfrentamento", defende Márcio.

Foto: Daniel Dorleide. Movimento Livre Eu Amo a Minha Quebrada

VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14

Simeone. Assim, honrando os conhecimentos e as soluções vindas das periferias e firmando fortes vínculos solidários entre pessoas, o Periferia Viva: Força-tarefa COVID-19 tem cumprido tudo que foi proposto.

É importante que o engajamento continue, mesmo depois da pandemia

Entre os participantes que enriquecem a rede do Periferia Viva, está a Associação de Moradores da Vila Acaba Mundo, presidida por Laerte Gonçalves Pereira. Ele conta que, já há muitos anos, sua comunidade engaja em iniciativas pela melhoria da qualidade de vida local. É na Vila Acaba Mundo que acontece, por exemplo, o projeto Arte e Cultura Beco a Beco, que incentiva as pessoas a pintarem a Vila, fazendo surgir artistas entre os moradores. Também tem o Memórias do Futuro, em que os habitantes mais idosos são consultados sobre como era a Vila de antigamente, ensinando possíveis soluções atuais aos mais novos.

Laerte Gonçalves conta que as trocas mediadas pelo Periferia Viva estão tornando os participantes do projeto mais solidários e atentos para suas comunidades. "Essa solidariedade que o mundo está tendo nesse momento é muito importante que isso não acabe", pontua o líder. "A gente precisa continuar crescendo até atingir o patamar de poder ajudar, talvez algumas pessoas que não foram atingidas ainda [pela pandemia]. Esse seria nosso objetivo, porque cresceu essa ansiedade de querer ajudar também", finaliza.

Saiba mais sobre o Periferia Viva

Para mais informações sobre os coletivos reunidos e sobre como tornar-se um voluntário do Periferia Viva, entre em contato pelos canais:

Site: periferiaviva.org.br
E-mail: contato@periferiaviva.org.br
Instagram: [instagram.com/periferiaviva](https://www.instagram.com/periferiaviva)

VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14 17

COMO AS OSCS PODEM UTILIZAR MELHOR A INTERNET PARA CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Debora Verdan¹

Neste ano, o cenário do novo coronavírus mudou radicalmente os hábitos de grande parte da população para que aderir ao distanciamento social –, medida protetiva para evitar a proliferação do

vírus – começou a trabalhar remotamente, fazer mais transações bancárias on-line, usar ambientes virtuais com mais frequência para se comunicar com colegas de trabalho, amigos e familiares, além

de passar a usar mais e-commerces e aplicativos de entrega para fazer as compras em lojas, mercados, restaurantes, entre outros.

Esse momento impactou diretamente também as organizações da sociedade civil, OSCs, de todos os tamanhos e causas. Segundo pesquisa feita em abril pela Rede do Bem, uma iniciativa da Agência do Bem com 231 gestores de organizações da sociedade civil sem fins lucrativos, do eixo Rio-São Paulo, 67% deles contaram que houve queda de mais da metade na arrecadação em suas receitas após o início da pandemia.

Entretanto, a pesquisa Brasil Giving Report 2020: um retrato da doação no Brasil, realizada em agosto de 2019, pela Charities Aid Foundation (CAF) e pelo IDIS, Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social, aponta que houve a elevação da confiança dos brasileiros nas OSCs, uma forte demanda quanto ao investimento social feito por empresas e a maior mobilização das pessoas em torno de causas políticas e sociais. Além disso, a pesquisa mostra que doações em dinheiro ainda se mantêm na liderança, mas as doações on-line, via cartão de crédito ou depósito em conta e também via plataformas digitais tiveram aumento de mais de 7% se comparado a anos anteriores da pesquisa. Ou seja, a doação on-line é um caminho importante para ser trilhado pelas organizações da sociedade civil. Independentemente do tamanho da organização ou a causa defendida, para uma melhor captação de recursos é necessário ter uma estrutura mínima pessoal e organizacional de captação de recursos.

Pode parecer óbvio, mas às vezes não é. Segundo a Associação Brasileira de Captadores de Recursos, a ABCR, o captador de recursos é o profissional

VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14

52

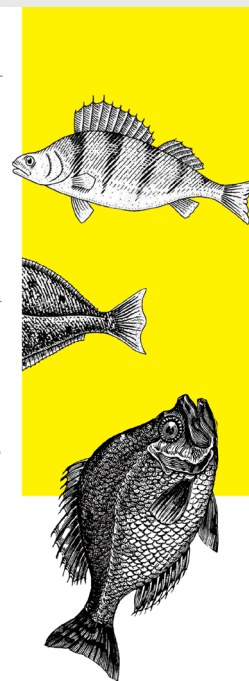
responsável por garantir a sustentabilidade das organizações, justamente porque trabalha por garantir a receita, a partir de doações de indivíduos, de famílias, de heranças, das empresas, dos governos, por meio de editais, plataformas digitais etc.

E falando em plataformas digitais, como as OSCs podem utilizar melhor a internet para captar recursos? Este texto não tem a pretensão de dizer o que é certo ou errado, mas apenas apontar alguns caminhos possíveis.

Patrícia Lobaccaro, consultora no setor social, membro de conselhos de instituições sem fins lucrativos, fala em um curso on-line e gratuito apresentado na Escola Aberta do Terceiro Setor (escolaberta3setor.org.br), dicas práticas de como organizar e lançar uma campanha de crowdfunding para as organizações da sociedade civil. No curso, entre outros importantes conselhos, ela diz que a campanha on-line começa no off-line. “Tudo o que você fizer para além da internet é que vai determinar o sucesso da sua campanha. Primeiro, convierta e engaje de forma direta por meio de uma ligação telefônica, um e-mail pessoal ou uma conversa privada em aplicativo de conversa instantânea com o círculo de doadores mais próximos”. Ainda, segundo a professora, campanhas que conseguem 25% da meta na primeira semana, têm 80% de chance de completar a meta total. “O entusiasmo durante toda a campanha é fundamental. Sempre celebre e agradeça”, explica ela.

Não dá para esquecer que doadores deixam de apoiar organizações porque não se sentem mais conectados a elas, por isso, é imprescindível manter os doadores atuais informados e engajados. Marcelo Estraviz, criador do Instituto Doar, um dos fundadores da ABCR e também professor volun-

53 VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14



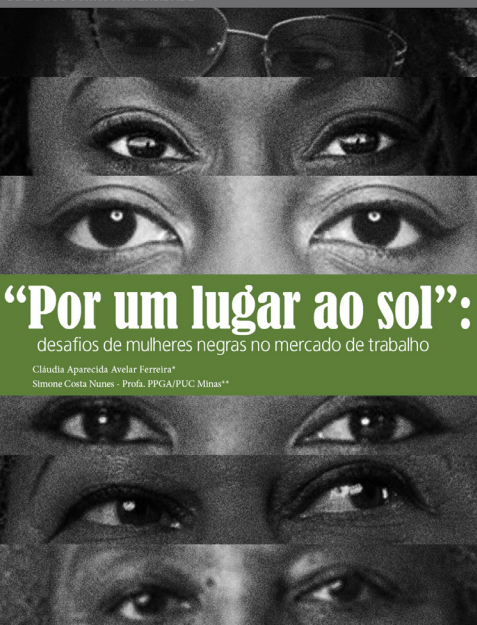
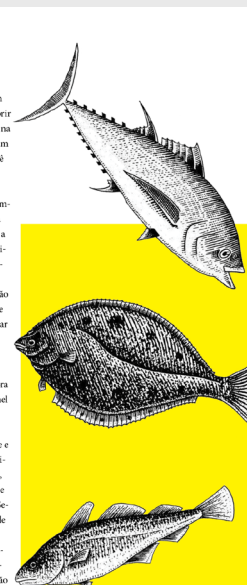
tário da Escola Aberta do Terceiro Setor, diz que a organização precisa conversar com os doadores fidelizados e trabalhar para captar novos, mas com responsabilidade. “Conseguir novos doadores é abrir uma campanha de doação on-line e esquecer dela na plataforma? Não! Seus pares e seus amigos precisam ser os primeiros a doar e, com os pés no chão, você vai ampliando essa rede de doadores”, ensina.

Pesquisas apontam também que muitas pessoas e empresas não fazem aportes ou doações porque nunca receberam um pedido. Por isso, é importante pedir a doação e divulgar a causa e o trabalho da sua organização. Uma sugestão é usar as ferramentas da internet como sites e redes sociais, pois são ferramentas essenciais de relacionamento com o público. Mas não se esqueça, para construir a confiança entre a OSC e seus doadores é importante ser transparente e prestar contas mostrando a aplicação dos recursos.

No curso Nove passos para planejar o desenvolvimento institucional de uma organização, a professora voluntária da Escola Aberta do Terceiro Setor, Rachel Carneiro de Souza, mostra, que antes de sair captando, é preciso fazer uma lição de casa para que a organização apresente à sociedade sua credibilidade e legitimidade. “É preciso saber o propósito da organização, ter uma eficiente organização administrativa, jurídica, contábil e tributária”, defende. Já o auditor e professor voluntário da Escola Aberta do Terceiro Setor, Nailton Cazumbá, no curso O papel do Controle Interno nas OSCs, ensina que, como em qualquer organização, os dirigentes e demais membros necessitam estar atualizados e capacitados para desempenhar suas funções. “Isso serve para que a organização busque alcançar a sustentabilidade, a transparência, o controle, a economicidade, a eficiência e a eficácia, que permitam a captação de recursos, a sobrevivência e o crescimento dessas entidades”, diz Cazumbá.

VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14

54



“Por um lugar ao sol”: desafios de mulheres negras no mercado de trabalho

Cláudia Aparecida Avelar Ferreira*
Simone Costa Nunes – Profa. PPGA/PUC Minas**

As vivências das mulheres negras são marcadas pela encruzilhada de pelo menos três estruturas excludentes: gênero, raça e classe social. A encruzilhada é conhecida na academia como interseccionalidade, concepção trazida pela autora americana Kimberlé Williams Crenshaw (1991), em seu artigo seminal intitulado “Mapeando as margens: interseccionalidade, política de identidade e violência contra as mulheres de cor”. Esta autora entende que o racismo pós-colonial e o sexismo decorrente do patriarcado levam à opressão mútua e entrelaçada de modo incisivo contra as mulheres negras.

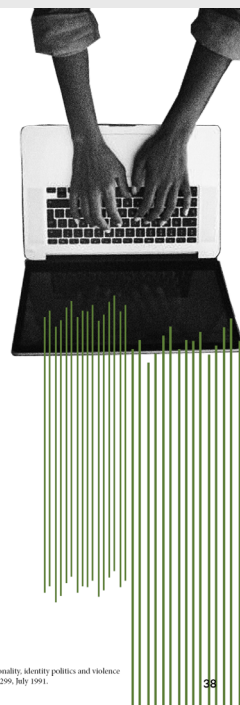
A interseccionalidade de gênero, raça e classe social produz desigualdades de forma contínua, em decorrência da dificuldade de desemaranhar e erradicar categorias que se cruzam e interagem.

Mas, não são apenas essas categorias que se inter cruzam. Se as mulheres negras tiveram outras características excludentes, divergentes dos valores arraigados em determinadas culturas no que diz respeito, por exemplo, à orientação sexual, etnia, crença, diferença funcional e idade, elas vão se somar para produzir diferentes formas de discriminação. Essas características resultam em estereótipos vistos como negativos e que geram preconceitos, o que pode ser observado nos diversos espaços sociais na escola, na universidade, no ambiente de trabalho e na vida social.

1-Crenshaw, Kimberlé Williams. Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color. Stanford Law Review v. 46, p. 1241-1299, July 1991.

VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14

38



Nessa encruzilhada, impactante na vida de grande parte das mulheres negras, elas se encontram em situação de vulnerabilidade social, subalternizadas, invisíveis, empecilhos e sujeitas a todos os demais critérios discriminatórios e subjetivos da realidade no Brasil.

No mercado de trabalho, as estudantes negras se deparam com ideologias excludentes, como o sexismo, o racismo e a classe social. A rede social (Networking) é um divisor de águas para as estudantes pobres devido ao fato de elas não possuírem uma rede de colegas, amigos e parceiros com capital cultural e simbólico que possam indicá-las a algum cargo nas empresas.

E, no que tange à qualificação, as estudantes negras ressaltam que gostariam de fazer uma pós-gradua-

ção, pois qualificar-se é o caminho para seu maior aprimoramento. No entanto, isso envolve dedicação e dinheiro que, na maioria das vezes, muitas delas, vulneráveis e pobres, não têm disponível, em decorrência do compromisso do pagamento do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), além da necessidade de garantir seu sustento e da sua família. Por isso, elas não conseguem aproveitar oportunidades como as estudantes brancas.

Assim, debate-se o discurso meritocrático proeminente no mercado de trabalho, que leva à baixa participação de negras nos processos seletivos, pela falta de oportunidades em adquirir habilidades específicas exigidas para o cargo. Exemplifica-se com duas falas de estudantes negras:

“[...] um jovem que frequentou a vida inteira uma escola particular, cursinho, tem acesso a curso de inglês, curso de computação, está sempre ali, às vezes, só no cursinho e na escola. E na escola pública, o que eu via bastante na minha realidade, eram pessoas assim que depois da escola tinham que trabalhar. Ninguém nunca fez um cursinho de inglês, ninguém nunca fez um cursinho de informática”.

“... uma pessoa negra, de baixa renda, favelada, qual a chance de ela chegar numa posição de responsabilidade de uma organização? Muito pouco, primeiro porque para ela já é difícil concluir o ensino médio. Entrar na faculdade, nem se fale. Só que hoje eu confesso que entrar na faculdade está até mais fácil, só que não é só entrar. Você precisa permanecer aqui, são cinco anos da sua vida que você precisa ficar aqui. Então, eu falo que a gente vive para sobreviver [...]”.

39 VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14

Exemplificamos alguns desafios com os quais as mulheres negras se deparam no seu cotidiano e, principalmente, para alcançar um lugar ao sol:

- 1) as características fenotípicas das mulheres negras constituem um estigma, o que leva à discriminação nos contextos sociais e de trabalho, por questões culturais e hegemônicas;
- 2) injúria racial, assédio sexual e moral;
- 3) menores salários, baixa mobilidade profissional, empregos precários, utilidade marginal negativa;
- 4) racismo institucional configurado por meio de normas, atitudes e práticas discriminatórias naturalizadas no ambiente de trabalho;
- 5) o mercado de trabalho é o local onde as relações de poder são mais acirradas, excludentes e preconceituosas;
- 6) mito da meritocracia em um país desigual, pois somente é possível meritocracia quando existe igualdade de condições para todos os cidadãos;
- 7) as mulheres negras, apesar de começarem a trabalhar mais cedo para ajudar a família, permanecem em situação desigual devido à encruzilhada;
- 8) teto de vidro – black glass ceiling. Se, para as mulheres brancas é difícil chegar aos cargos de diretoria e CEO, o que dizer das mulheres negras?

VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14

42

Uma luz que se acende

A promoção da diversidade e da inclusão na Cemig

Taiany Gonçalves

Levar luz para milhões de mineiros não é uma tarefa fácil: requer muitos esforços, competências inúmeras e equipes extremamente qualificadas. Porém, mais difícil seria se a Cemig não tivesse entendido que, para cumprir com primazia essa missão, era preciso, primeiramente, iluminar o interior da própria empresa com a ajuda de dois principais fios condutores:

a diversidade e a inclusão. Por isso, em 2019, a Companhia Energética de Minas Gerais criou o Grupo de Valorização da Diversidade.

Segundo Adriana Coelho, Analista de Sustentabilidade Empresarial da Cemig e coordenadora do Grupo, essa é uma demanda antiga da área de

sustentabilidade e de muitos funcionários da instituição. "A gente já tinha diversos empregados estudando sobre esse tema e apresentamos várias vezes para a liderança alguns mapeamentos. Em outubro de 2019, surgiu, então, a oportunidade de criar um grupo formal com 10 representantes das diretorias da empresa. Antes disso, já existiam ações de inclusão, que eram promovidas por diversas áreas, principalmente pela Gestão de Pessoas e Comunicação, mas não havia um programa estruturado", explica.

O objetivo do Grupo é criar estudos e ações que modifiquem a realidade corporativa e social para que haja não apenas uma valorização da diversidade na empresa, como também a inclusão e a igualdade entre os empregados, independentemente de gênero, com orientação sexual e deficiência. Para isso, eles utilizam como base as tendências nacionais e internacionais para não ficarem para trás nessa luta tão necessária.

Um ambiente de trabalho inclusivo e responsável

Embora com pouco tempo de existência, o Grupo de Valorização da Diversidade já é maduro o suficiente para entender que é preciso se organizar e se debruçar sobre intensos estudos para que medidas cada vez mais eficazes sejam implementadas na empresa. Por isso, existe um monitoramento de indicadores de diversidade que analisa o percentual de mulheres e de negros em cargos de liderança; da remuneração média de mulheres em relação a dos homens, e dos negros em relação a das demais etnias; e da remuneração média de Pessoas com Deficiência (PCD) em relação aos demais. Além disso, foram inseridas questões com as temáticas "diversidade" e "inclusão" nas pesquisas de Clima e Cultura Organizacional, mas sempre com o devido cuidado



14 VALOR COMPARTILHADO / ANO 7 / Nº 15

para que o sigilo das respostas e, consequentemente, dos funcionários sejam preservados.

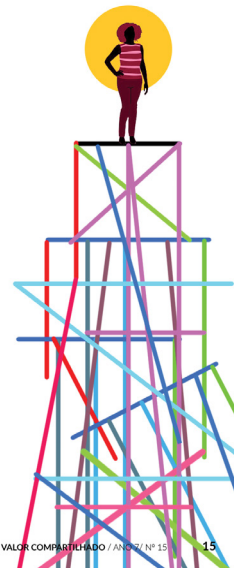
É certo que as ações também não ficam para trás. As mulheres, por exemplo, viram sua licença maternidade ser ampliada para 6 meses, enquanto os homens ganharam 20 dias de licença após o nascimento dos filhos, como uma forma de serem incentivados a exercerem a paternidade de forma plena. Inclusive, para usufruir desse benefício, eles precisam participar do Curso de Paternidade Responsável.

E por falar em curso, a Cemig também oferece aos seus empregados o Curso Materno Infantil nos períodos de gestação, pós-parto e durante os 3 primeiros meses de vida do bebê. Além disso, funcionários e funcionárias podem ter direito ao auxílio-creche logo após o término da licença até os 7 anos de idade da criança.

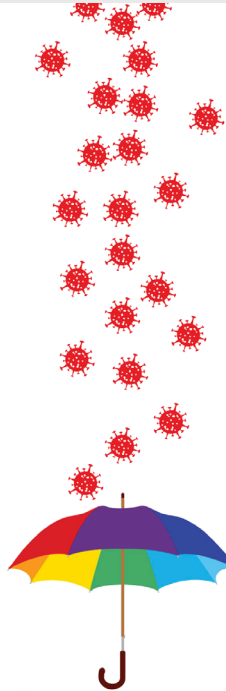
Para os servidores e/ou familiares com alguma deficiência física e/ou intelectual, existe o Programa de Atendimento Especial (PAM), que garante um reembolso de parte das despesas desenes, como com a manutenção de escolas especializadas, próteses, fraldas descartáveis, alternativas terapêuticas, entre outros.

Há ainda uma série de adaptações relacionadas à acessibilidade diante da chegada de um funcionário com deficiência. "Quando um empregado com deficiência chega, ele passa por um processo de inclusão. Temos ajuda da assistente social para conversar com a área, temos a adaptação de computador e de todo o material de trabalho... Isso não é um benefício, mas sim uma ação de inclusão", afirma Adriana Coelho. Vale ressaltar que ações de acessibilidade também são direcionadas aos clientes para que esses tenham acesso, de forma completa, aos serviços da empresa. O desenvolvimento do novo Portal da Cemig¹ é uma delas.

¹ Acesso: <https://www.cemig.com.br/acessibilidade/>



VALOR COMPARTILHADO / ANO 7 / Nº 15



16 VALOR COMPARTILHADO / ANO 7 / Nº 15

Outra forma encontrada pelo Grupo para deixar o ambiente de trabalho mais inclusivo e, ao mesmo tempo, de promover a diversidade e a conscientização junto ao público externo são as ações de comunicação, via redes sociais institucionais, em datas importantes, como o Dia do Orgulho LGBTQ+, da Consciência Negra, do Combate à Intolerância Religiosa, da Luta da Pessoa com Deficiência, da Mulher, entre outros.

As ações do Grupo de Valorização da Diversidade em tempos pandêmicos

Assim como todas as empresas, a Cemig viu sua realidade mudar drasticamente com a chegada da pandemia do novo coronavírus. E, para assegurar a vida dos seus, logo nos primeiros dias de isolamento social, a organização colocou todos os funcionários da área administrativa em home office. Nesse contexto, o Grupo de Valorização da Diversidade se viu com novos desafios e novas demandas.

Foi necessário, por exemplo, começar a desenvolver com os empregados, por meio de eventos on-line e cartilhas, assuntos como violência doméstica, assédio moral e sexual e divisão de tarefas domésticas, temas que ficaram muito evidentes em uma época em que a estadia dentro de casa passou a ser integral.

Além disso, novas técnicas têm sido implantadas para que as reuniões remotas incluam de forma igualitária todos os funcionários, com uma atenção maior para aqueles com deficiência. "Eles precisam de um apoio no sentido de adaptação de equipamentos e orientação de seus líderes. Por exemplo, numa



COSTURANDO UM DIÁLOGO ENTRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E AS FLORESTAS

Como fortalecer o protagonismo dos povos indígenas, sem desconstruir elementos da sua identidade, ainda é um campo de aprendizado para instituições do Terceiro Setor, empresas e governos

Luana Oliveira e Mariana Pimenta

Estou num sábado de céu esfumaçado, que aguarda a chegada de outra frente fria. O dia foi carregado de calor, fazendo 30°. Amanhã chegaremos à máxima de 16°. O clima está seco. Os olhos ardem se não lubrificá-los, nossos pulmões sentem a falta de umidade no ar, os lábios ressecam. Para esta tarde (19 de setembro de 2020) está previsto que veremos um céu vermelho, com fumaças escuras formando nuvens. Essa fumaça viajou mais de 1.300 km carregando partículas dos 2,3 milhões de hectares de florestas queimadas no Pantanal para os arranha-céus paulistanos.

Não é a primeira vez que me surpreendo com um céu com as cores do fogo, vibrando entre o laranja, vermelho e preto. Estava no escritório - num prédio de oito andares que, em 1920, foi sede da Bolsa de Valores, histórico e preservado - quando, de repente, dos vitrais que cobrem o vão central foi possível ver as nuvens ocupando o céu, trazendo a nítida sensação de monitorar por volta das 15 horas. Era 19 de agosto de 2019, o vento seco trazia partes das queimadas que ocupavam a Amazônia, num tamanho sem precedentes.

Esta matéria não é sobre as queimadas sem proporções que ocorrem por quase todos os estados do Brasil, na Bolívia e no Paraguai nestes meses de agosto e setembro. Pelo contrário, viemos dar luz aos projetos que nos aquecem de esperança, pois trazem respostas e possíveis soluções para colocarmos em prática uma economia circular e sustentável.

Saber que a brisa que entra pela minha janela carrega um ar dissipado das florestas em chamas é evidência do sistema circular de funcionamento do próprio planeta. Nem preciso mencionar o tamanho do alerta climático a que precisamos responder. ■



Foto: Cléo Santos. Acervo IEB

VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14

9



Por tudo isso, trabalhar com projetos para desenvolver o protagonismo dos povos das florestas, fornecendo ferramentas para que eles desenvolvam seu ecossistema econômico e social, é fundamental.

Um exemplo que faz acreditar

Entre as diversas instituições que atuam com trabalhos direcionados aos povos indígenas e populações tradicionais, vamos contar um pouco das experiências do Instituto Interacional de Educação do Brasil (IEB).

Destacando três frentes de atuação, o IEB atua com o fortalecimento institucional e organizacional de associações, cooperativas e povos tradicionais possui uma área de formação estratégica com mais de 40 cursos de duração modular já ministrados, para diferentes povos, promovendo aprendizagem e conhecimentos além de projetos para gestão territorial e ambiental, que envolvem planos de manejo, planos de gestão, iniciativas de ordenamento territorial e fortalecimento das cadeias de valor sustentáveis. O assessor de projetos do IEB, André Tomasi, explicou que "o braço de atuação em campo é aquele

que envolve as comunidades em tarefas práticas, de mão na massa, para que possam articular e pensar como usar os recursos, como pensar a vigilância, a comercialização".

O objetivo é fazer com que a informação de alguma forma mova e seja propícia para a ação coletiva dessas comunidades. "O que a gente espera é que, pelo protagonismo dessas comunidades, os seus direitos sejam praticados, seus sonhos e suas ambições sejam postos em prática ou minimamente especulados. Esperamos que essas populações consigam, de alguma forma, também exercer a sua cidadania, que as formas de reprodução dos modos de vida e cultura dessas pessoas permaneçam e que elas possam coexistir com outras formas de pensar o desenvolvimento", descreve André Tomasi ao falar das expectativas da instituição.

Em rede

Se por um lado espura-se que a realidade social dessas pessoas seja modificada e melhorada, André alerta para um cuidado: a linha temer entre impactos positivos e negativos dos projetos de desenvolvimento. ■

10 VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14

"Por exemplo, como uma empresa de cosméticos remanera determinados grupos dos quais ela compra urucum, óleo de murumuru ou óleo de copaíba? Existe conhecimento tradicional associado àquele recurso genético, que é usado numa fórmula ou componente químicos. Portanto, remunerar esse conhecimento é uma forma de valorizar essas pessoas e o trabalho delas. Seria o ideal, que as comunidades tradicionais fossem reconhecidas e remuneradas pelo conhecimento secular do manejo de determinadas frutas, cascas, cipós, castanhas".

É preciso que existam florestas

A incompatibilidade entre uma economia de base florestal e outra de base agropecuária nos coloca a uma questão essencial: é preciso que existam florestas para que haja uma economia florestal. Simples assim, "para ter castanha, aqui, murumuru, copaíba, todos os outros recursos genéticos e os que ainda não foram descobertos, deve existir floresta", enfatiza André.

A relação sustentável das cadeias da sociobiodiversidade se faz com uma economia de base florestal. A produção de castanha da Amazônia e aqui, produtos com consumo internacional significativo e exportados também pelo Brasil, vem de áreas florestadas por indígenas, castanheiros e ribeirinhos. É notável historicamente o papel de povos e populações amazônicas para a proteção e integridade das florestas, e, consequentemente, para o desenvolvimento de uma economia de base florestal. ■



VALOR COMPARTILHADO / ANO 6 / Nº 14

13

A FORÇA DAS MULHERES NO TERCEIRO SETOR



Uma iniciativa que traz a igualdade de gênero como compromisso inegociável para o fortalecimento das Organizações da Sociedade Civil

Nanda Soares
Colaboração: Julia Caldas de Almeida

20 VALOR COMPARTILHADO / ANO B/ Nº 16



"Nós somos aquelas por quem estávamos esperando"

Uma adaptação de gênero na conhecida frase da Oração dos indígenas norte-americanos Hopi nos conecta para a ação. Essa frase evoca a força coletiva das mulheres, revelando uma pessoa inspiradora, corajosa, proativa, que luta em prol de uma causa e com propósito bem definido. Que enfrenta desafios diversos, é reconhecida pela dedicação e criatividade, e se posiciona como agente de transformação social. Essa é uma breve descrição das mulheres que compõem o Terceiro Setor.

Uma matéria especial do Rede GIFE de 2005 já apontava que a presença das mulheres é marcante no Terceiro Setor. Das 77 organizações associadas ao Grupo de Institutos, Fundações e empresas, 51% contavam com mulheres em posições de liderança.

Cada uma dessas mulheres tem o potencial de guiar e moldar projetos e organizações de modo signifi-

cativo. Porém, mesmo atuando na linha de frente, delineando estratégias para o planejamento, com experiência e resultados comprovados, as mulheres percorrem caminhos conflitantes, com salários desiguais, pouca valorização e sobrecargas.

O cenário de pandemia ampliou o olhar sobre as vulnerabilidades sociais das mulheres e a necessidade de mobilização, assim como também "escancarou" o papel importante que as mulheres desempenham no Terceiro Setor. Diante disso, em 2021, a ONU Mulheres escolheu, para a campanha do 8 de março, o tema "Mulheres na liderança: alcançando um futuro igual em um mundo de COVID-19". E foi a partir desse assunto tão urgente que Julia Caldas de Almeida, superintendente da Federação Mineira de Fundações e Associações de Direito Privado (FUNDAMI), e Nanda Soares, diretora da CONECTIDIA, entenderam a oportunidade de abrir espaço de diálogo e construir uma aliança tris-

VALOR COMPARTILHADO / ANO B/ Nº 16 21

setorial, visando uma caminhada de empoderamento para a plena participação e protagonismo feminino.

A iniciativa recebeu o nome de "A Força das Mulheres no Terceiro Setor", e, teve como pilar principal, o apoio às equipes das Organizações da Sociedade Civil

(OSCs), levando em consideração o cenário pandêmico que trouxe à tona uma realidade na qual "as mulheres foram duramente atingidas pela Covid-19, pois constituem 70% das pessoas que trabalham no setor social e de saúde em todo o mundo, e estão na linha de frente da resposta" (ONU Mulheres).

Conheça o passo a passo dessa iniciativa

PRIMEIRA AÇÃO:

UM ENCONTRO INSPIRADOR - DIÁLOGOS QUE IMPULSIONAM

O webinar intitulado "Mulheres que a maioria da força de trabalho no Terceiro Setor" foi o primeiro passo para consolidar a ideia de construir diálogos empáticos e agregar experiências, pontas em parcerias importantes, com foco especial nas lideranças. Participaram convidadas que hoje fazem parte do Grupo de Trabalho formado para dar continuidade às ações. Confira aqui.

SEGUNDA AÇÃO:

MANIFESTO "A FORÇA DAS MULHERES NO TERCEIRO SETOR"

Com uma temática participativa, foram realizadas três reuniões de articulação para a construção do Manifesto "A Força das Mulheres no Terceiro Setor", que tem como foco a igualdade de gênero - quinto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS 5).



"Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública e adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis são algumas das metas globais do ODS 5."

22 VALOR COMPARTILHADO / ANO B/ Nº 16

todos os trabalhadores do Setor, visando a excelência na atuação das organizações por nós representadas. Somos mulheres que se importam e trabalham em prol de um mundo melhor.

Somos mulheres que cuidam e lideram, vivendo diariamente com a sobrecarga de jornadas triplas e de um machismo estrutural, que infelizmente ainda existe e não deve mais ser tolerado.

Somos proativas e fomentamos redes de apoio, buscando contínuo aprendizado para realizar e compartilhar.

Somos as trabalhadoras, gestoras e líderes que ainda precisam reivindicar salários iguais e de acordo com o mercado, ainda que exerçamos a mesma função, com qualificação e dedicação.

Queremos a igualdade de oportunidades e ser presença efetiva e respeitada nos espaços de poder.

Este é um chamado para que possamos avançar, gerar valor e desenvolvimento pela via do conhecimento, entendendo que é também necessário aumentar o acesso a tecnologias da informação e comunicação para promover o empoderamento.

Questionamos a pouca representatividade das mulheres em todos os níveis hierárquicos, considerando diferentes perfis, realidades e uma gestão empática.

Somos corajosas e estamos dispostas a uma verdadeira transformação.

Assumimos o papel de guardiãs de uma cultura de igualdade e justiça social. Estamos sempre vigilantes e pautadas pela solidariedade."



ALIANÇAS ESTRATÉGICAS



IDEALIZADORAS



VALOR COMPARTILHADO / ANO B/ Nº 16 25

INCLUSÃO PELO LIXO: uma dicotomia social

Mulheres se apoiam na reciclagem para sobreviver e assim exercem uma importante contribuição socioambiental. Como valorizá-las por isso?

Alessandra Giovanna

Dona Balbina é dessas figuras que não passa despercebida. Em Pirapora, quem não a conhece pessoalmente, pelo menos já ouviu falar sobre ela e o trabalho que realiza na Associação dos Catadores e Recicladores de Pirapora (ASCARPI), situada no bairro Cidade Jardim. O galpão realiza uma função social significativa na comunidade, pois além de

gerar renda para as 18 pessoas que nele trabalham diariamente com o manuseio do lixo, o material reciclável compartilha espaço com inúmeras atividades, "de casamento a velório, de culto evangélico a missas católicas", diz Balbina. O fato é que a associação é uma ideia viva na cidade no que tange à educação socioambiental.



Dona Balbina.

Mesmo com uma localização afastada do centro, o bairro onde fica a ASCARPI é bastante conhecido pela sua grande extensão territorial e demográfica e também por suas condições vulnerabilizantes. Nas palavras da própria Balbina, "aqui por si só já é uma cidade, agora precisamos correr atrás do jardim", fazendo alusão ao nome do bairro Cidade Jardim. Essa busca pela melhoria do espaço urbano perpassa cotidianamente pelo relacionamento com a comunidade e com o lixo. A associação procura realizar com frequência atividades educativas sobre separação e

tratamento do lixo, sendo referência na temática da sustentabilidade para as centenas de crianças e adolescentes que ali residem.

Quando o assunto é destinação de resíduos, a palavra "lixo" é quase pejorativa, mas também não pode ser ignorada no vocabulário. Isso porque, quando não há incentivo para o tratamento adequado dos resíduos, dificilmente eles ultrapassam a barreira que os infiltros como lixo, para se transformarem em matéria-prima de resso que fomenta geração de renda

e um modo de vida mais responsável. Segundo pesquisa feita por Ipsos Global Advisor, "Um Mundo Descartável - O desafio das embalagens e do lixo plástico" a maioria dos brasileiros não sabe como funciona a coleta seletiva e quais materiais podem ser reaproveitados.

A ideia de "jogar fora" algo é totalmente fictícia, já que o "fora" ainda é dentro do Planeta Terra.

Quem trabalha com esse tipo de material sabe muito bem o valor dos resíduos e da importância de repensar as cadeias de consumo, informação e produção para promover uma economia circular. Balbina, por exemplo, tem 56 anos e está na associação desde os anos 2000, quando conheceu o trabalho da reciclagem: "Foi amor à primeira vista. Eu me vejo fazendo

um papel maravilhoso para a sociedade, para o meio ambiente, para o mundo!", conta.

Do total de trabalhadores da associação, 66% são mulheres, percentual que espelha o cenário nacional, já que cerca de 70% da mão de obra na reciclagem de resíduos no Brasil é feita por mulheres, segundo o relatório de 2014 do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR).



Galpão da ASCARPI utilizado pela comunidade.

10 VALOR COMPARTILHADO / ANO B/ Nº 16

A ASCARPI, por exemplo, recicla cerca de 45 toneladas de resíduos sólidos por mês. Segundo o Plano Municipal de Saneamento Básico de 2014, Pirapora gera cerca de 29,78 toneladas de lixo por dia. A gestão do lixo é compartilhada entre a associação e a coleta regular contratada pela prefeitura. Contudo, o acordo não garante para a associação um cenário de formalização trabalhista para os catadores.

Os municípios devem encarar as associações e cooperativas como prestadoras de serviço de interesse público, pois o trabalho dessas organizações pode gerar renda para o município e melhorar a performance ambiental.

Portanto, é crucial apoiar esses negócios sociais para que eles possam crescer com estabilidade, garantindo direitos aos trabalhadores para que eles não fiquem reféns monetariamente da quantidade de material que reciclam.

Nunca antes as mudanças climáticas foram tão discutidas e os países tão pressionados para criarem políticas que respondam ao tópico. Embora os líderes de nação e detentores do discurso sejam majoritariamente homens, é impossível não pensar neste tema sem o protagonismo feminino. As atividades tradicionalmente realizadas por mulheres já são as mais afetadas pelo aquecimento global. A chave para o enfrentamento da crise ambiental passa por reconhecer a vulnerabilidade de gênero e criar responsabilidade coletiva.

Referências

- https://sinrg.gov.br/images/cadernos_de_diagnosticos/04_CADDIA/Catadores.pdf
- Lei 12.305/2010 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm
- <https://www.pirapora.mg.gov.br/asset/planodi-rector/upload/download/Plano-municipal-de-saneamento-b-20181228162805.pdf>
- <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/11/27/mulheres-dos-brasileiros-nao-sabe-como-funciona-a-reciclagem-diz-pesquisa-gtm1>
- <https://www2.ufpb.br/labcua/2010/03/08/mulheres-estao-mais-vulneraveis-ao-aquecimento-global/>



VALOR COMPARTILHADO / ANO B/ Nº 16 13



**VALOR
COMPARTILHADO**



**VC | VALOR
COMPARTILHADO**





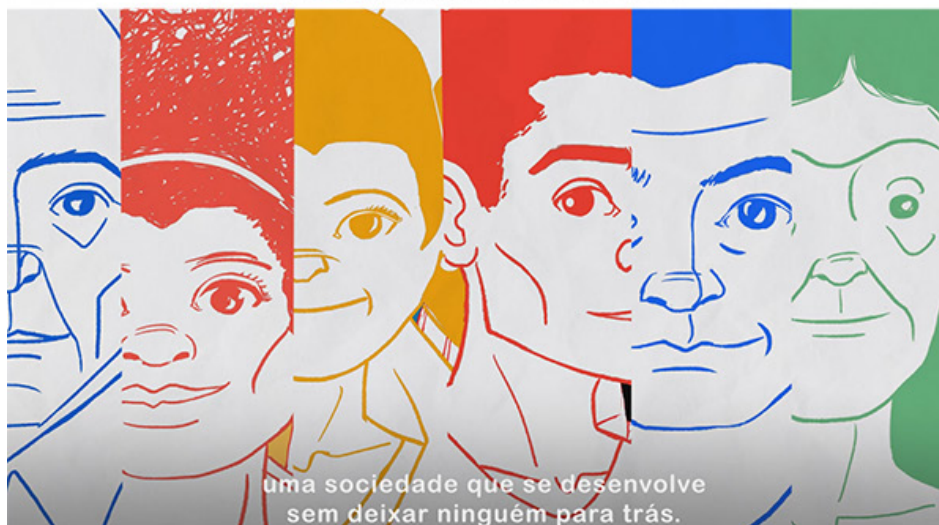




Acreditamos que é coletivamente
que vamos realizar o sonho de



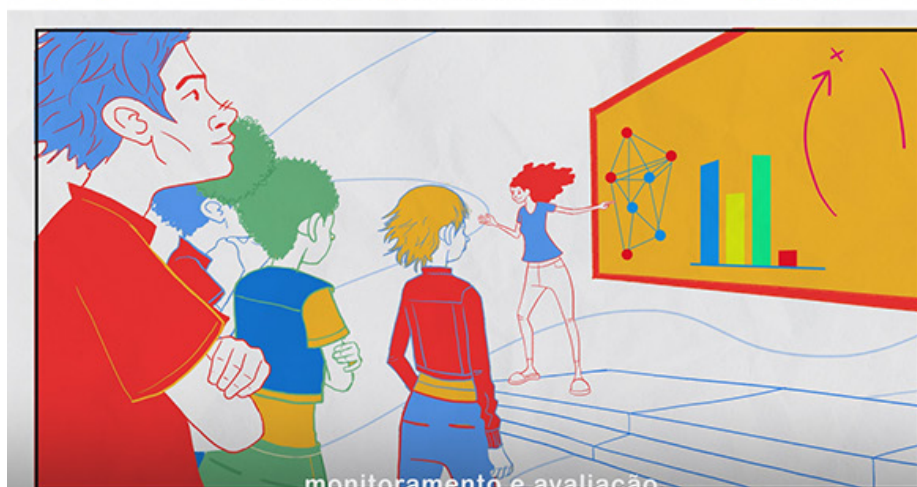
monitoramento e avaliação,
fortalecimento de redes e promoção



uma sociedade que se desenvolve
sem deixar ninguém para trás.



elaborar melhores projetos,
estar nos espaços de participação



monitoramento e avaliação,
fortalecimento de redes e promoção



organizada a realizar
uma gestão estratégica,



 CeMAIS

